



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*  
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura  
VII Encontro Local do PROLER  
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

## **RUÍNA E REPRESENTAÇÃO DA CIDADE EM ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA, DE JOSÉ SARAMAGO**

Bárbara Carvalho Gomes

Graduada em Letras pela UESC  
barbaracarvalhogomes@hotmail.com

**RESUMO:** O espaço citadino está predisposto a mudanças constantes. Compreendê-lo requer observar as suas representações e os contextos sociais aos quais ele pertence. A cidade pós-moderna representada na obra *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, nos possibilita considerar que a Literatura enquanto ficção proporciona ao leitor reflexões sobre a realidade, considerando que o autor constrói sua obra a partir da sua cosmovisão e da seleção de referências do real. Este artigo tem como propósito principal realizar uma análise crítica estabelecendo um paralelo entre a cidade ficcional e a cidade real na pós-modernidade, discutindo forma literária e sociedade a partir da memória e suas interpretações. Pretendemos também provocar discussões, questionamentos e reflexões sobre as ruínas da cidade contemporânea; a noção de ruína discutida nesse estudo equivale aos vestígios dessa cidade. Sendo assim, através da ruína metropolitana e da representação literária pós-moderna consideramos relevante tentar compreender o novo estilo de vida social. Essa pesquisa perpassa por teorias referentes aos estudos contemporâneos, no que diz respeito à identidade do sujeito, memória, cultura e representação. Esperamos que este trabalho seja uma possibilidade de estudo e colabore com os interessados em Literatura, sobretudo, nas temáticas contemporâneas.

**Palavras-chave:** Cidade. Ruína. Ensaio sobre a cegueira. Representação.

O que ali estava não era uma cidade, era uma extensa massa de alcatrão que ao arrefecer se moldara a si mesma em formas de prédios, telhados, chaminés, morto tudo, apagado tudo.

*José Saramago*

## **Introdução**

A obra *Ensaio sobre a cegueira*, publicada em 1995, tem como autor o escritor português, contemporâneo, José Saramago. Com a leitura desta obra, o leitor se depara com a degradação humana, através da epidemia da cegueira branca. Os personagens, de repente tornam-se cegos e são excluídos da cidade. Confinados em um manicômio, feito cães em um canil, vivenciam a miséria de valores, dignidade, respeito e direitos. Esta cegueira se alastra por toda a cidade proliferando mudanças no centro urbano, seja pelo comportamento dos cegos, de animalização, seja pelo cenário cinza decorrente do marasmo, pois não mais havia a movimentação, a poluição sonora e as luzes artificiais, enfim, o fervor de qualquer metrópole.

Com a análise da obra saramagueana, tentamos compreender a representação da cidade no texto literário, relacionando o ficcional e o real, uma vez que a literatura reinventa a partir das memórias que se tem da realidade. Com isto, buscamos observar a sociedade pós-moderna, a partir do confronto que o homem contemporâneo está amiúde exposto e a partir das complexidades do sujeito urbano e sua(s) identidade(s) em meio às hierarquias, organizações, instituições e tribos que permeiam a cidade contemporânea.

Tendo em vista que a obra *Ensaio sobre a cegueira* proporciona ao leitor reflexões críticas em torno da condição de viver na cidade pós-moderna, discutimos neste estudo a ruína causada pela cegueira branca; ressaltamos, ainda, que esta cegueira é vista por nós como metonímia do capitalismo, ou seja, a cegueira é a parte de um todo que equivale ao sistema capitalista. E quando mencionamos ruína, referimo-nos aos rastros deixados pelos cidadãos, assim como (BENJAMIN, 1994, p. 117) referiu-se ao espaço burguês: “não há nesse espaço um único ponto em que seu habitante não tivesse deixado seus vestígios”, referimo-nos à cidade pós-moderna.

Dessa forma, a ruína discutida nesse artigo equivale aos vestígios que temos da cidade. É como se a metrópole, num processo de decomposição, deixasse seu estado normal e, para identificá-la novamente, seria necessário reconhecer seus rastros.

Portanto, é a través da ruína metropolitana e da representação literária pós-moderna que consideramos relevante tentar compreender o novo estilo de vida social. Além disso, este artigo valoriza a literatura contemporânea, na medida em que ela é crítica, irônica e questionadora, por vezes inovadora.

### **1. O trajeto da cegueira**

A partir da obra *Ensaio sobre a cegueira*, o leitor é convidado a ver as consequências de uma epidemia que provocou crise na sociedade, num trajeto de ruínas do início ao fim. Neste percurso, não percebemos referências de datas, mas uma sequência lógica dos fatos, que, para explicá-los melhor, dividimos de forma sucinta em quatro momentos relevantes.

O primeiro momento (começo da epidemia) inicia no centro da cidade, mais especificamente no semáforo. Nesse cenário de carros, motoristas e pedestres, encontra-se a primeira vítima da cegueira branca. A partir desse personagem, as sensações de incapacidade, medo e pavor são representadas na narrativa, levando-nos a comparar o primeiro cego com o sujeito pós-moderno, "indivíduo isolado, alienado, colocado contra o pano-de-fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal" (HALL, 2003, p. 32).

O segundo momento é referente à ida e à permanência dos cegos no manicômio, onde os indivíduos céticos e ao mesmo tempo esperançosos apenas têm as seguintes

palavras: “O Governo está perfeitamente consciente das suas responsabilidades (...) o isolamento em que agora se encontram, representará um acto de solidariedade (SARAMAGO, 1995, p. 30). No entanto, podemos observar as condições subumanas dos cegos, através das lentes da mulher do médico, a única que não cegara e que “sentiu-se como se estivesse por trás de um microscópio a observar o comportamento de uns seres que não podiam nem se quer suspeitar da sua presença”. (SARAMAGO, 1995, p.71). Isolados da cidade, os cegos se encontram presos em um “inferno” cercado por soldados, lugar onde a presença da carnificina humana é constante: “os corpos amontoados, o sangue sinuoso alastrando lentamente no chão lajeado, como se estivesse vivo” (SARAMAGO, 1995, p. 90).

O terceiro momento equivale à volta dos cegos à cidade. Esta, em caos, não pode ser vista por seus habitantes, mas, por onde passam, constroem imagens a partir das suas memórias:

a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações (...) a memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 47).

Neste momento da narrativa, percebemos as ruínas da cidade: os cegos andam pelas ruas alagadas “entre lixo apodrecido e excrementos humanos e de animais, automóveis e caminhões largados” (SARAMAGO, 1995, p. 226). São os rastros do abandono e da desordem, a cidade em seu estado de decomposição; a civilização dá lugar à barbárie e os indivíduos cegos vagam feito cão. O cenário não é mais o mesmo: os prédios, casas e carros estão abandonados, os mercados estão saqueados, não há trabalho, o tempo não importa, a cidade volta a um estado primitivo. Nas praças a falsa promessa pontuada pelo narrador nos possibilita entender como sendo uma crítica referente à postura religiosa. Percebemos também a crítica à religião quando, em certo momento da narrativa, o narrador menciona sobre as imagens de olhos vendados, talvez seja a cegueira capitalista arruinando as doutrinas das igrejas.

O quarto momento equivale ao fim da narrativa, em que os cidadãos depois de muito vagarem pela cidade abandonada, voltam a enxergar. Entretanto, o leitor se depara com a seguinte frase “cegos que vêem, cegos que, vendo, não vêem” (SARAMAGO, 1995, p. 310). Isto nos leva a considerar que ser cego é ser alienado - alienação que está intrínseca no sujeito. Sem sugerir soluções, a narrativa se finda e fica a nós o questionamento, como se livrar da cegueira?

## **2. A cidade ficcional, metáfora da pós-modernidade**

O espaço urbano ficcional da obra *Ensaio sobre a cegueira*, através das suas representações, remete-nos a uma metáfora da pós-modernidade, uma vez que os elementos de referência, selecionados pelo autor, proporciona-nos essa consideração. Pois os aspectos e elementos da vida real, ao se converterem em campos de referência do texto, denunciam a intencionalidade desse texto (ISER, 1996, p. 18), que é chamar a atenção do leitor para o modo de vida da cidade contemporânea.

No cenário da narrativa, tanto o espaço físico representado por diversos lugares comuns a qualquer cidade real, quanto os personagens que a constituem nos remetem à imagem da cidade contemporânea, na qual os cidadãos nada mais são do que inúmeras representações. Nessa perspectiva, os indivíduos necessitam de máscaras para fazerem parte do espetáculo que é viver na sociedade pós-moderna. Essas máscaras, na narrativa

saramagueana, são observadas a partir da ausência de nomes dos personagens, apenas médico, esposa, secretária, o velho, o menino, a prostituta.

Para nos situarmos na teatralização da vida pós-moderna, a partir da obra *Ensaio sobre a cegueira*, podemos dizer que os personagens da narrativa formam o elenco; a cidade, o palco; o enredo, a ruína. E, assim, um grande espetáculo da falência urbana causado pela epidemia da cegueira branca, os indivíduos cegos da presença de todas as cores em sua visão - percebemos que esta cegueira branca é uma ironia, recurso característico da literatura pós-moderna (HUTCHEON, 1991, p. 121). Entendemos que é assim a condição de enxergar na pós-modernidade, um festival de imagens que por vezes nos cega. A cidade é um palco enfeitado de prédios arquitetônicos, *outdoor*, letreiros, placas, sinais, faixas, panfletos, anúncios, enfim, por diversos signos que nos impõe o verbo imperativo, “consoma”.

Os cidadãos da cidade real, mesmo com a capacidade de ver, não veem. Alienam-se em um sistema capitalista, dando espaço ao consumo, à concorrência, à valorização da imagem, ao culto à beleza, à depressão, à anorexia e à esquizofrenia. Sendo assim, a cidade real também é doentia, também vive em ruínas. As epidemias de fato existem e estão cada vez presentes nos centros urbanos, consequência disso é a luta entre a ciência e as novas doenças. Essa luta frequente, os sujeitos assistem esperançosos, em sua maioria, dispostos a serem mais uma cobaia de um novo antídoto.

A noção da velocidade do tempo é outra característica da pós-modernidade, que tem como consequência sujeitos sedentos.

Essa armadilha da velocidade tem consequências para a saúde física e emocional dos habitantes das cidades, submetidos a pressões muito intensas, que agredem o organismo e o equilíbrio afetivo e emocional. (BUENO, 2002, p. 27)

O tempo torna-se mais curto, principalmente nos grandes centros urbanos, nos quais os sujeitos trabalham incessantemente para manter um padrão de vida “ideal” a sociedade contemporânea: casa, carro, lazer, saúde, roupa, beleza, entre outros. É a falsa idéia da qualidade de vida que é imposta aos sujeitos, onde viver bem é comprar bem. Os cidadãos escravos do consumo, sem mesmo perceberem, tornam-se cegos.

Para elucidar o processo de alienação-cegueira dos cidadãos, uma das grandes colaboradoras é a mídia, na medida em que ela tem alto poder de persuasão. E, com isso, domina os indivíduos, seja pelo rádio, pela televisão ou pela internet. Mas principalmente a televisão, meio de comunicação popular, trata de idiotizar os telespectadores através de programas de baixa qualidade cultural, que não despertam o senso crítico, que induzem à futilidade e por fim ao consumo. Ao invés de desvendar os olhos dos sujeitos para a realidade, a mídia na maioria das vezes, acaba iludindo os telespectadores com suas propagandas fantásticas e com notícias que, antes de informar, prevalecem a uma determinada ideologia. Por isso, na obra saramagueana, observamos uma crítica aos meios de comunicação, quando o narrador denuncia que a mídia se aproveita da cegueira branca para vender notícias:

Estou cego, estou cego, levaram os jornais, a rádio, a televisão, quase todos, a deixarem de ocupar-se de tais iniciativas, exceptuando-se o discreto e a todos os títulos louvável comportamento de certos órgãos de comunicação que, vivendo à custa de sensacionalismo de todo o tipo, das graças e desgraças alheias, não estavam dispostos a perder nenhuma ocasião que aparecesse de relatar ao vivo, com a

dramaticidade que a situação justifica, a cegueira súbita por exemplo, de um catedrático de oftalmologia. (SARAMAGO, 1995, p. 124)

Situações como essa são corriqueiras na cidade pós-moderna, onde as empresas televisivas, os jornais e as rádios se desesperam em busca de uma notícia vendável.

Dessa forma, consideramos que a vida na cidade saramagueana nada mais é do que a vida na sociedade pós-moderna, pois nesta os seus cidadãos encontram-se cegos pelo tempo, pelo consumo, pelo dinheiro, pelas máscaras, pela mídia, enfim, por um sistema de controle que oprime e aliena a população. Portanto, consideramos que a cidade saramagueana é metafórica e equivale a qualquer cidade pós-moderna.

### **3. A representação do sujeito urbano**

Os sujeitos da narrativa são representados por cegos excluídos da cidade, esquecidos em um manicômio desativado; sujeitos testemunhas da ruína: “a experiência desta cegueira só nos trouxe morte e miséria” (SARAMAGO, 1995, p. 282). Observamos que nessa situação caótica, as máscaras caem e, respectivamente, anulam-se as posições sociais tão importantes à sociedade. O oftalmologista não é capaz de tratar a cegueira, o vendedor não tem mais o que vender, a prostituta não lucra com o seu corpo, o ladrão não é mais reconhecido, o policial não prende, porque não sabe quem roubou.

Ironicamente, na cidade real, a posição a qual o sujeito representa é reconhecida e a ela se atribui valor de importância. As referências partem dessas posições e por elas se constrói a suposta imagem do indivíduo. Nessa perspectiva, ter é mais do que ser, o que importa é a posição social do sujeito, “quem ele é” é o mesmo que “quem ele representa”. Dessa forma, entram em questão: as nomeações; os cargos; os bens materiais que o sujeito adquire; as influências, mais especificamente as pessoas influentes, tão requisitados na cidade pós-moderna, pois se tem a idéia de que esses sujeitos ajudam outros sujeitos a mudarem para uma posição mais bem vista.

Além das posições sociais, achamos necessário tentar compreender as identidades dos sujeitos. Primeiro nos ateremos ao sujeito ficcional da obra saramagueana – com a cegueira e a mudança para o manicômio, as identidades dos personagens são descentradas, levando os cegos a redefinirem uma nova maneira de identificação. Com esta mudança, os cegos deixam de lado as identificações da cidade e passam a se identificar com os grupos de uma determinada camarata<sup>1</sup>. Assim como na sociedade pós-moderna em que os cidadãos se identificam por grupos sociais.

Abordar identidade do sujeito na pós-modernidade é discorrer sobre o sujeito fragmentado de acordo Hall (1996), indivíduo que se molda a cada grupo que pertence. Então não falamos de identidade como algo completo e acabado, mas como algo em andamento, em processo contínuo. Assim, na cidade pós-moderna, o sujeito é marcado por identidades híbridas, não é uno, pelo contrário, representa vários papéis. Podemos compreender melhor a partir do exemplo de um homem, que é advogado, tem filho, esposa, pertence a uma determinada religião, é filiado a um partido e frequenta um clube da cidade; não podemos dizer que este homem é o mesmo e age do mesmo jeito em todos os papéis citados, pois pra cada função ele possui uma representação.

Em meio às diversas representações, o sujeito pós-moderno busca se encontrar na sociedade, procurando uma referência do seu “eu”. Por vezes se sente perdido, pois suas referências são várias, o sujeito não se encontra, é a “crise da identidade” pontuada por Hall (1996). A partir disso, surge o sentimento do vazio, do sujeito solitário em

---

<sup>1</sup> Na obra *Ensaio sobre a cegueira, era uma espécie de sala*, na qual se encontravam os cegos exilados.

meio aos grupos sociais. Esta é a condição do sujeito nos centros urbanos, viver em sociedade, obedecendo às regras da coletividade, em meio a desordens, tentando encontrar uma definição pra sua subjetividade. Já na obra *Ensaio sobre a cegueira*, o sujeito perde as suas referências, a subjetividade é fragilizada e os cegos apenas sobrevivem obedecendo às novas regras do manicômio.

tão longe estamos do mundo que não tarda que comecemos a não saber quem somos, nem nos lembramos sequer de dizer-nos como nos chamamos, e para quê, para que iriam servir-nos os nomes, nenhum cão reconhece outro cão, ou se lhe dá a conhecer, pelos nomes que lhes foram postos, é pelo cheiro que identifica e se dá a identificar, nós aqui somos como uma outra raça de cães, conhecemo-nos pelo ladrar, pelo falar, o resto, feições, cor dos olhos, da pele, do cabelo, não conta, é como se não existisse... (SARAMAGO, 1995, P. 64).

Muitos cidadãos vivem como os cegos, não por estarem desprovido de visão, mas por se sentirem deficientes, em constante duelo com as pressões impostas pelo mundo contemporâneo, pois neste não basta apenas ter uma posição, um bom cargo e bens materiais, além disso, é preciso ser sempre o melhor. Referimo-nos ao darwinismo, à seleção das espécies, que, desde o modernismo, provoca inquietude e instabilidade no sujeito.

O sujeito instável é aquele massacrado pelo sistema pós-moderno, ele se vê em conflito, tentando se adequar a padrões efêmeros, o que hoje usamos, amanhã não podemos usar mais, o que hoje podemos vestir, amanhã está fora de moda. Isso também vale para as relações pessoais (o sentimento é banalizado e muda constantemente), também vale para as teorias, colocadas em questão e suplantadas por outras.

Com essa sensação de fungibilidade, a memória do sujeito se perde e esquecer torna-se fácil, uma vez que as informações vão e vem de maneira rápida e contínua. Podemos mencionar então, no ato do esquecer, que a cegueira também está na memória das pessoas, pois imagens deixam de ser criadas quando são substituídas por outras.

Podemos dizer, ainda, que ser cego é a condição de vida na sociedade pós-moderna, uma vez que os sujeitos, devido a inúmeras informações, não podem enxergar tudo o que lhes é imposto. Percebemos também que, assim como a cegueira, o sistema pós-moderno provoca ruínas no cidadão, pois altera o seu espaço e estado, ou seja, a sua percepção de ver o meio em que vive e de ver a si mesmo.

#### **4. Considerações Finais**

A leitura da obra saramagueana transmite ao leitor inquietação, página por página, tentamos não nos cegarmos, lemos apreensivos e tensos as mazelas humanas, as ruínas da cidade. No decorrer da leitura, percebemos que nos encontramos cercados pela cegueira branca, que estamos cegos, deficientes diante a pobreza, o abandono, a perda, a exclusão, a discriminação. Ainda observamos que a sociedade presencia crises das quais não escapamos, e vivenciamos as conseqüências das “epidemias”.

Com a análise crítica da cidade saramagueana e da cidade pós-moderna, consideramos que a metrópole perpassa por metamorfoses constantes, tanto no espaço quanto no comportamento dos cidadãos; um dia no centro urbano nunca é igual ao outro, a efemeridade é característica própria desse tempo. Os sujeitos vivem às pressas para não perderem o ritmo imposto, é preciso se moldar ao sistema pós-moderno, se

adaptar às diversas representações e acostumar-se com as inúmeras pressões: psicológica, física e intelectual. Em meio a tudo isso, o cidadão perde a capacidade de refletir sobre os seus reais anseios, ilude-se, cega-se.

Assim, ao analisar a cidade fictícia e a real, podemos perceber que a condição de viver na metrópole é estar “cego”. Enxergar é uma ação difícil no mundo pós-moderno, na medida em que imagens e informações são ofertadas em grande quantidade, em uma velocidade assustadora; e também porque, vivemos o ditado “salve-se quem puder”, uma forma de vida que promove o egoísmo, a mesquinhez e a concorrência. Portanto, temos um mundo em que a cegueira faz parte dos sujeitos, e, com ela, as suas ruínas: insegurança, medo e solidão.

## **Referências**

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BUENO, André. *Formas de crise: estudo de literatura, cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HUTCHEON, Linda. *Historicizando o pós-moderno: Poética do Pós-Moderno. História, Teoria e Ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário. Perspectivas de uma antropologia literária*. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo e sociedade de consumo*. In: *A virada cultural - reflexões sobre o pós-moderno*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006, pp.15-44.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.